

# Eleições Disruptivas: Como explicar 2018, a emergência de novos atores e novas estratégias de campanha eleitoral no Brasil?

**Aulas:** Terças e Quintas, 7:30 - 9:10, FAFICH Sala 2082

**Carga horária:** 45 horas/aula (4 créditos)

**Professor:** Felipe Nunes ([felipenunes@ufmg.br](mailto:felipenunes@ufmg.br))

**Office Hours:** Quintas, 9:30 - 11:30, FAFICH Sala 4045

## Contexto

Se eu tivesse que escolher uma palavra pra descrever as eleições de 2018 no Brasil, esta palavra seria ‘disruptiva’. Desde 1989 não presenciávamos uma ruptura tão brutal da ordem partidária, das estratégias eleitorais e das teorias sobre eleições.

A disruptividade eleitoral deu o ar da graça já no primeiro turno das eleições. No Rio, o juiz Wilson Witzel, apoiado pela família Bolsonaro, apareceu do nada para desbancar Eduardo Paes. O ex-prefeito do Rio apareceu na liderança em todas as pesquisas de opinião publicadas desde o começo do ano. Em Minas, o empresário Romeu Zema apareceu na frente dos dois últimos governadores do Estado, Pimentel e Anastasia. Todos, inclusive o Zema, que reservou viagem para a Europa no segundo turno, apostavam na reedição da polarização entre PT e PSDB em Minas.

Pra completar o quadro disruptivo, a ex-presidente Dilma amargou o quarto lugar em uma disputa para o Senado no estado em que seu partido havia vencido as últimas 4 eleições presidenciais.

E não parou por aí. Constatamos que estávamos diante de uma nova era na política brasileira quando o tsunami Bolsonaro nos fez ‘jair’ se acostumando com o seu nome associado ao substantivo masculino presidente. Mesmo tendo tido menos tempo de TV que o Alckimin, gasto menos dinheiro na campanha que o Meirelles, e tendo menos estrutura partidária que o Haddad, ainda assim ele desbancou todo mundo pra quase ganhar a eleição presidencial já no primeiro turno. Nesta área, vale lembrar ainda o desempenho superior que o Cabo Daciolo teve em relação a Marina e ao Meireles.

Como se tudo isso não bastasse para sustentar minha caracterização das eleições de 2018 como disruptivas, esta foi a primeira eleição presidencial no país pós-redemocratização em que o poder das campanhas de TV e rádio foi substituído pela magia das redes sociais. Especialmente, pelo WhatsApp. Foi através do Zap Zap, como os brasileiros batizaram o aplicativo de troca de mensagens comprado pelo Facebook em 2014, que circularam as principais notícias que pautaram a eleição. Foi ali que circularam os questionamentos direcionados ao público evangélico sobre o kit gay, moralismo, família e Deus. Foi por meio do WhatsApp também que o exército de Bolsonaristas inundou os celulares de todo mundo com mensagens contra o PT, o comunismo e a corrupção. Na ordem tradicional das coisas, esta estratégia de micro-segmentação não teria sido possível de ser executada. Os custos e a logística de distribuição de conteúdos para ser exibidos na TV e no rádio não permitem que tantos conteúdos sejam disparados ao mesmo tempo e atingindo um target perfeito. Já nas redes, com bases de dados de telefones, enriquecidas com informações que caracterizam os eleitores em segmentos muito específicos, estratégias de disparos segmentados foram mais simples de serem executadas e mais eficazes no efeito gerado no alvo.

Mas como eu disse, esta foi uma eleição disruptiva. O que significa que não bastou a desorganização do sistema partidário, a eleição de novatos e noviços, o furacão de votos para o capitão, nem a nova estratégia de micro-segmentação para disparo de mensagens. Essa eleição ainda reservava um outro elemento ainda mais especial: as Fake News. Como eu entendo o fenômeno, Fake News é uma informação falsa cujo propósito é gerar e reforçar visões equivocadas da realidade. Essa definição advém da literatura internacional sobre o tema e contém os dois atributos principais para a constituição do termo. Estamos tratando de notícia falsa

e com motivação política. Para termos uma dimensão da relevância do tema nessas eleições. Em 2018, foi um dos termos mais buscados no Google, juntamente com intervenção militar, porte de armas e machismo. Além disso, há mais de 442 milhões de resultados quando buscamos pelo termo no Google Notícias. Segundo reportagem da Folha de São Paulo, Fake News definiram a eleição já que foram disparadas em massa com o objetivo de manipular a percepção e a opinião de públicos específicos sobre os candidatos a presidente.

Mas, afinal, há evidências suficientes que dão sustentação a hipótese de que as Fake News foram eficazes em seu poder de persuasão? Conduzi alguns experimentos em survey ao longo desse ano para descobrir que as Fake News tem alta eficácia sobre a população. Segundo pesquisa realizada pela UFMG, em parceria com a UFPE, a Universidade de Emory e a Universidade da Carolina do Norte, 46% das pessoas acreditam em notícias falsas com conteúdo positivo e 37% acreditam em notícias falsas com conteúdo negativo. Lamentavelmente, a percepção e a opinião destas pessoas não se alteram quando as notícias falsas são contrastadas com informações que desmentem tais rumores. Como demonstra o experimento, nem a auto-defesa, nem a checagem profissional promovida pelos meios de comunicação é capaz de alterar substancialmente as opiniões das pessoas sobre as notícias falsas durante as eleições.

Poderia falar da disruptividade desta eleição expressa na derrocada do PMDB, no fracasso do projeto do PSDB, na atração do anti-petismo na direção do Bolsonaro e na aparição de um novo partido sem nenhum amalgama político, o PSL. O fato é que até o início do horário eleitoral gratuito, a visão dominante sobre as eleições de 2018 era a de que haveria uma repetição dos padrões dos pleitos anteriores. Nem o PT nem o PSDB acreditaram no fenômeno Bolsonaro. Os cientistas políticos e os analistas de conjuntura também erraram feio nessa aposta. Por isso também tratou-se de uma eleição disruptiva, que nos força neste momento a repensar nossas explicações e reinventar nossas teorias.

### O que é esperado em sala de aula?

1. *Leitura.* O programa lista as leituras necessárias para cada semana, o que deve ser concluído antes da respectiva aula. Espera-se que os alunos leiam o material com muito cuidado, pois perguntas serão feitas ao longo da aula sobre os textos.
2. *Presença.* Os estudantes devem comparecer a todas as aulas.

### Avaliação

As notas serão atribuídas da seguinte forma: participação (20% da nota final), trabalho 1 (40%) e trabalho 2 (40% da nota final).

- *Participação.* Os alunos devem ser assíduos e demonstrarem engajamento e interesse pelo curso para receber boa nota de participação. É comum que o aluno tenha um bom desempenho em outros quesitos, mas não tenha uma boa nota em participação se não ler o material do curso, ou não participar efetivamente das discussões em sala de aula.
- *Provas.* O curso terá dois trabalhos. O primeiro, em formato de apresentação, será avaliado dentro de sala de aula. O segundo, em formato de relatório de trabalho, será entregue no final do curso.

### Moodle

O curso utilizará o Moodle como ferramenta principal de comunicação entre alunos e professor. Lá estarão os arquivos, leituras e textos complementares. Os slides do curso, além dos exercícios e notícias serão disponibilizados neste site.

### Agenda do curso

Abaixo apresentamos um cronograma preliminar de tópicos que serão tema do curso. Eles não correspondem a semanas, e podemos mudar os tópicos que estão incluídos ou a sua ordem.

1. 2018: Uma eleição disruptiva
  - O tsunami Bolsonaro, Zema e Witzel
  - A resistência petista no Nordeste
  - O declínio do sistema partidário brasileiro
  
2. A mudança nas regras do jogo e suas consequências políticas
  - Reforma política e renovação política
  - Campanhas de sucesso sem rádio e sem TV
  - Viagens, redes e militantes digitais: um case de sucesso
  
3. Como explicar o resultado dessa eleição?
  - Anti-petismo, anti-comunismo e anti-Venezuela
  - Deus, família e homossexualidade
  - Fake News e a era da pós-verdade
  
4. Considerações sobre o que nos espera
  - Bolsonaro e a promessa do fim da corrupção
  - Moro: um presidenciável de véspera?
  - O último fim do PT